

5

Conclusão: a chegada?

[...] e nós estamos-lhe gratos por ter pintado portas falsas no seu muro intransponível, pois só em sonhos saímos do espaço inumano que nos cerca.

Eduardo Lourenço
(LOURENÇO, 1983, p.158)

O caráter de minha mente é tal que odeio os começos e os fins das coisas, porque são pontos definidos.

Fernando Pessoa
(PESSOA, 2004, p.39)

Fernando Pessoa é sem dúvida um poeta que podemos chamar de genial. Seu raciocínio é misterioso, intrincado, provisório, inacabado, lacunar e fingido – no sentido etimológico deste verbo. A etimologia do verbo fingir está no latim *fingere*, que entre tantas definições pode significar modelar em barro; formar com qualquer substância plástica; formar; representar; esculpir. O poeta esculpe com palavras a sua literatura e a sua personalidade. É a palavra poética quem dá vida aos heterônimos Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro e ao próprio poeta ortônimo. Ao semi-heterônimo Bernardo Soares, é a prosa-poética do **Livro do Desassossego** quem traz à luz. Pois, são os textos que inscrevem os heterônimos no mundo.

Situar em seu tempo, esse conturbado início do século passado, a obra deste genial poeta, mas também prosador e grande pensador da cultura, significa dizer que o meio literário português contou com a criação de uma revista, **Orpheu**, que divulgou, em seus dois números, essa moderna poesia, cujo objetivo era transformar a cena cultural. Contudo, mais do que texto impresso, **Orpheu** representou uma “revolução poética” (Cf. LOURENÇO, 1974, p. 170), sendo uma das razões que o credenciara a maneira pessoana de escrever poesia, a sua famosa “proliferação em poetas” (LOURENÇO, 2003, p. 28). Apesar de não se resignar com a ruptura sofrida pelo sujeito, conforme defende Eduardo Lourenço (1983, p. 164), Pessoa entende que a saída possível é construir na poesia os diversos eus e levar a cabo a sua própria frase: “Sê plural como o universo!”.

Sendo Fernando Pessoa um “poeta dramático escrevendo em poesia lírica” (PESSOA, 2004, p. 87), deduz-se que a leitura da poesia como verdade daquele que a escreveu é aqui vedada, pois a criação heteronímica impede uma associação entre o eu empírico e o eu poético. Como já dissemos, a poesia moderna, segundo

Hugo Friedrich (1978, p. 14), guarda a singularidade de prescindir da experiência realmente vivida pelo artista. Sendo assim, tomamos o eu da poesia pessoana como uma construção. Ou seja, na escritura da sua poesia, constrói-se um eu incomodado pelas incertezas da modernidade.

Seria bastante arriscado tentar mapear esta construção no conjunto da poesia de Fernando Pessoa; por isso, escolhemos como objeto de estudo – ou por ele fomos escolhidos – os poemas de Álvaro de Campos, o que coube ser aquele que deseja sentir tudo de todas as maneiras, ser aquele em que Pessoa diz, em carta a Casais Monteiro, ter posto toda a emoção que não dava nem a si e nem à vida. Partindo da convicção de que Álvaro de Campos é um “poeta-texto” (Cf. BERARDINELLI, 2004, p. 262-278 & LOURENÇO, 2003), buscamos analisar a sua produção na perspectiva da construção do eu marcado pela tensão entre o *outrora* e o *agora*.

A poesia de Álvaro de Campos, segundo Cleonice Berardinelli, pode ser dividida em duas fases: a primeira, que é o momento dos *-ismos* e das sensações; a segunda, mais durável na sua produção poética, cujos versos mostram um eu afligido pelos sentimentos de melancolia, angústia, tédio e náusea, demonstrando um estado de abulia, cansaço e desânimo da vida.

Resolvemos tomar *outrora* e *agora*, vocábulos que habitam insistentemente a poesia de Campos, como representação desta falha que se processou entre o eu da infância e o da maturidade. Sendo assim, acreditamos que a nossa investigação objetivou partir sempre da leitura da poesia para descobrir até onde chegávamos. Logo, não podemos entender *outrora* e *agora* como simples palavras que substituem *passado* e *presente*, pois não é assim que se processa a nossa análise. Dois momentos do nosso trabalho explicam bem o que estamos dizendo: o *agora*, como metáfora da modernidade, na “Ode Triunfal”, e o *outrora* como metáfora da criação poética, ou seja, do poeta que anseia por vestir a máscara da criança e poder fingir ser o que desejar.

O estudo dos poemas de Álvaro Campos levou-nos também ao encontro dos traços do *outrora* e do *agora* na construção deste eu crivado pela modernidade, que tem duas vidas, a sonhada na infância e a prática e útil do mundo do adulto. O tédio, o cansaço, a melancolia, a angústia são sentimentos que vêm acometer o eu do presente, do *agora*. Em contrapartida, a infância, o *outrora*, é um lugar de aconchego, é o lar das tias velhas, é o tempo em que se comemorava o dia dos

seus anos, em que ele era feliz e ainda ninguém havia morrido. No *agora*, a felicidade está apenas fora dele, está dentro das casas que ele só vislumbra pela janela, mas onde não pode entrar, pois, se entrar, ela já não estará mais lá. Retomando a nossa epígrafe, podemos dizer que os versos do heterônimo vão ao encontro dos ortônimos de Pessoa: “Com que ânsia tão raiva / Quero aquele outrora! / E eu era feliz? Não sei: / Fui-o outrora agora.” No *agora*, acredita-se que *outrora* era feliz, por isso, a busca incessante do eu do passado, que ainda não havia sido derrotado e não vivia a frustração por saber que falhara na vida.

Esta viagem ao interior de si mesmo, que se realiza na poesia de Campos, ou seja, o seu marcante subjetivismo, leva-nos a fazer uma correlação com a fragmentação do sujeito na modernidade do início do século XX, sabendo, é claro, das distorções da imagem da realidade no espelho da poesia. Isto porque, não é mais possível no *agora* sonhar com a inteireza que havia *outrora*. O retorno à infância parece ser a garantia de que estariam reunidos os restos, os resíduos daquilo que fora, contudo, isto não se confirmou, desfazendo o sonho de uma retauração e perdendo a utopia do centramento.

A tensão existente entre *outrora* e *agora*, no entanto, não quer dizer uma ruptura total entre o que fora e o que é, já que, por vezes, a criança que ficou guardada dentro de si retorna. Neste sentido, é válido citarmos novamente o poema “Depus a máscara e vi-me ao espelho”, pois nele recupera-se o passado, que permanece no seu íntimo.

Depus a máscara e vi-me ao espelho...
Era a criança de há quantos anos...
Não tinha mudado nada...

É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que fica,
A criança.

Depus a máscara, e tornei a pô-la.
Assim é melhor.
Assim sou a máscara.

E volto à normalidade como a um *terminus* de linha.
(PAC, p. 209-10)

Há vantagens em saber tirar a máscara: a criança reaparece, trazendo um passado que passou, mas continua presente, ou seja, “fica”. Sabemos, então, que

tornar a pôr a máscara não elimina o passado, que permanece, apenas encoberto, mas a atitude possível ao adulto é retornar sempre “à normalidade como a um *terminus* de linha.”, assumindo a máscara que apenas encobre a criança, sem destruí-la.

Depois de tudo o que dissemos, acreditamos que o melhor fecho para nossa dissertação será este verso que carrega a genialidade de toda a poesia pessoana: “Assim sou a máscara.”